



SEÇÃO TEMÁTICA



Transição de gênero: Linguagem, contextos e experiências de uma geração no Brasil

Francisco Cleiton Vieira, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo. Este artigo tem o objetivo de compreender práticas e linguagens em torno da noção de “transição de gênero” articulada por uma geração de homens trans jovens (rapazes que foram designados ao nascer como mulheres), considerando as construções identitárias e corporais que a prática de transicionar de gênero produz socialmente. O trabalho se caracteriza como um reexame 10 anos depois de material empírico construído no contexto de uma pesquisa etnográfica desenvolvida entre os anos de 2014 e 2015 na capital e no interior do Rio Grande do Norte, com o apoio de entrevistas abertas. Acompanhou-se a mobilização social de ativistas ao longo de eventos políticos e acadêmicos, atividade doméstica e hormonização. Ao descrever as nuances linguísticas, políticas e societárias da ideia êmica de “transição de gênero”, o artigo reflete sobre a emergência do ativismo de homens trans e transmasculino na região potiguar e das condições de sua possibilidade, paralelizando trajetórias pessoais de entre categorias de pessoa e a dinâmica entre diversidade de gênero e mudanças sociais. Ao lançar uma perspectiva etnográfica desde solo norte-rio-grandense, flutua-se entre o regional e o nacional, refletindo sobre a emergência e consolidação das práticas políticas e identitárias de homens trans no Brasil na década de 2010.

PALAVRAS-CHAVE: Transição de gênero. Corpo. Homens trans. Identidade. Movimentos sociais.



Introdução

Este artigo¹ tem como objetivo refletir e descrever as elaborações em torno da categoria “transição de gênero” acionada por pessoas trans, especificamente homens trans, para explicar práticas de afirmação de gênero, tanto no âmbito físico como moral e identitário. Não se busca aqui, contudo, apresentar um conhecimento enciclopédico ou até mesmo dicionarizado a respeito da transição que replicaria um todo ordenado de fases (Devor, 2004), mas sim compreender o emprego e as ferramentas linguísticas e corporais que constituem para organizar a experiência de trajetórias entre posições sociais de gênero. A ideia de transicionar de gênero se tornou uma síntese discursiva sobre si mesmo e sobre socialidades, e pode ser percebida como um trânsito entre categorias de pessoa no qual a identidade de gênero é a ênfase principal. Essa análise permite alcançar diferentes dimensões da vida social que são transformadas pelo reposicionamento social, cultural e político de alguém enquanto homem ou mulher.

Através das primeiras pesquisas em antropologia e sociologia no país, a mudança de gênero foi considerada a partir de discussões sobre transexualidades (Bento, 2006; Teixeira, 2009; Arán, 2010; Zambrano, 2003). Então, como esta última categoria se trata de um conceito originalmente biomédico e psicológico (Meyerowitz, 2002; Rubin, 2003; Bento, 2006), com uma história particular, acompanhado de questões envolvendo mudanças corporais significativas através de biotecnologias como cirurgias e administração de hormônios sexuais sintéticos, a dimensão biomédica e de saúde foi constituída como um cenário descritivo e explicativo privilegiado. Nessa interpretação socioantropológica, gênero seria reposicionado como uma construção social na qual as diferenças sexuais, percebidas anteriormente como corporalmente determinantes de papéis sociais, encontrava outros sentidos de homem e mulher – vistos aqui como posições e não atributos naturais – e de masculino e feminino, os quais se deslocam entre si (Connell, 1998). Assim, masculinidades e feminilidades e a própria identificação como homem ou mulher são vistos de modo desbiologizado através dos investimentos teóricos e políticos de movimentos sociais e de estudos antropológicos, históricos, sociológicos, gays/queers, trans e feministas em diferentes Ciências Humanas e na Filosofia (Bento, 2006)

¹ Este artigo é uma versão refeita e atualizada de um enxerto da minha dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN, em 2015 (Vieira, 2015).



e, até mesmo na Biologia (Fausto-Sterling, 2012). Nesse sentido, gênero se refere tanto a uma relação social como a uma identidade.

Os estudos sobre travestilidades no país, mais especificamente, desde os anos 1980 deram foco considerável em questões como identidade, prostituição, educação, relações familiares, violência e preconceito (cf. Grossi, 2010). As mudanças corporais entre travestis eram descritas em cenários principalmente caseiros e constantemente observadas – e até mesmo autodeclaradas – como diferentes das mudanças entre mulheres trans (Benedetti, 2005). Então, quando a categoria mulher transexual ou trans ganhou maior popularidade no cenário brasileiro na década de 1990, encontrou no cenário nacional uma mobilização organizada e intensa de travestis como categoria de pessoa autônoma e então dissociada das homossexualidades (Vieira, 2020). Nesse sentido, o movimento social travesti, também via movimento social do HIV/Aids, encontrava-se em articulações por direitos com associações, eventos e visibilidade crescente desde então (Coacci, 2018), no qual as linhas de diferenciação entre mulher trans e travesti perderam sua validade absoluta e se encontram em linhas de separação e amálgama nas trajetórias pessoais. No mesmo período, praticamente não se observava popularmente uma identidade de gênero denominada de homens trans, sendo frequente afirmações sobre a sua inexistência ou a raridade – apenas entre os anos 2000 e 2010 que começaria a ganhar visibilidade. Foi a partir de um novo movimento social centralmente de e para homens trans que foram articuladas novas organizações não-governamentais e eventos tanto no Nordeste como no Sudeste do Brasil (Vieira, 2015; Almeida, 2012; Ávila, 2014; Peixe e Morelli, 2018; Nery, 2018).

Ao considerar a literatura sociológica e antropológica sobre travestilidades e, posteriormente, sobre transexualidades e mulheres trans, é possível perceber que a noção de transição de gênero não era articulada de maneira direta. Isso não quer dizer que mulheres trans e travestis não se vissem realizando trajetórias pessoais, mas sim que o emprego da categoria êmica “transição de gênero” encontrou eloquência linguística entre homens trans e, em seguida, é possível observar o seu emprego entre outras pessoas trans. Assim, transição de gênero não é entendido entre os interlocutores como uma categoria biomédica, mas como uma noção que traduz a experiência de modificações que se submetem. Independentemente de se ser ou não supervisionado por profissionais de saúde para a administração de hormônios sexuais



sintéticos ou de ser possível se submeter a cirurgias, a ideia de transicionar entre identidades e corpos é visualizada como um projeto de vida pessoal que se iniciaria no âmbito da percepção de si, e não do diagnóstico de disforia de gênero ou de transtorno de identidade de gênero (cf. Oliveira, 2015).

Nesse sentido, este artigo busca considerar as experiências de homens trans jovens, entre 18 e 22 anos de idade, que se redefiniram enquanto pessoa trans no mesmo período que articulavam a entrada na vida adulta. Portanto, a discussão realizada aqui procura compreender as trajetórias, representações e projetos de vida de uma geração, a qual encontrava debates sobre mudança de gênero em ascensão nos movimentos sociais no país. Dez anos depois, este artigo articula uma etnografia sobre incertezas e novas possibilidades de definição de si mesmo. Esses jovens ajudaram não ajudaram a fomentar apenas um movimento social, mas contribuíram para visibilizar uma identidade social.

Etnografia, materiais e método

O material empírico original no qual se baseia este artigo foi fruto de uma pesquisa concluída sobre identidades sociais e masculinidades entre homens trans na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, realizada entre os anos de 2014 e 2015. A partir de uma etnografia com auxílio de 15 entrevistas, foi possível observar a emergência de um ativismo, à época chamado “ativismo de homens trans”, na capital potiguar e seus primeiros investimentos políticos para popularizar essa identidade tanto nos círculos de militância desenvolvida a partir da diversidade sexual e de gênero, como no âmbito societal mais geral. Isso visava promover uma defesa de direitos humanos cuja meta principal era tornar visível essa identidade tomada por alguns discursos públicos e acadêmicos enquanto algo “novo” (cf. Ávila, 2014). Estava em relevo, ainda, uma cobrança política para a organização de serviços de saúde voltados para o suporte e a mediação biomédica para a transição de gênero e/ou a capacitação de profissionais de saúde para o atendimento entendido como humanizado.

Inicialmente, o objetivo da pesquisa era mapear essa atividade política então nascente e vislumbrar tecer uma compreensão sobre essa identificação social masculina. No meio político natalense era



predominante figuras públicas de travestis e mulheres transexuais e de homens e mulheres homossexuais que ocupavam posições de destaque na militância e na relação com setores estatais com a fundação de organizações não-governamentais. Antes de chegar etnograficamente ao cenário político potiguar propriamente dito, eu achava que iria poder realizar a pesquisa apenas através de canais no YouTube que se popularizavam em 2014 produzidos por homens trans que narravam suas experiências de transição de gênero por meio de verdadeiros diários digitais. Não parecia haver na cena local, no Rio Grande do Norte, algo dessa magnitude, contudo, descobri com o avançar da pesquisa a emergência de identidades e de mobilizações políticas. Em certo sentido, essa etnografia também pode ser situada como um registro histórico de uma geração.

A aproximação metodológica com os interlocutores desta pesquisa se deu de duas maneiras. Uma se referiu à observação participante (Foote-Whyte, 1975) e outra às entrevistas presenciais semiestruturadas (Debert, 1986). Antes de iniciar uma observação de campo direta, realizei muitas conversas com potenciais interlocutores de maneira mediada por plataformas digitais de conversa, principalmente através de salas de bate-papo de redes sociais como o Facebook. Cheguei inclusive a montar um questionário aberto que poderia ser respondido on-line e que depois foi descontinuado por eu querer dar prioridade inicialmente à etnografia. Isso porque as respostas que recebi eram muito curtas ou monossilábicas. Esta tentativa de aproximação metodológica se mostrou ineficaz, uma vez que não abarcava diferentes relações que os interlocutores poderiam estar envolvidos.

Busquei privilegiar entrevistas com homens trans com os quais eu pudesse realizar também alguma forma de observação em atividades como ativismo e ambientes de sociabilidade onde pudéssemos vivenciar juntos situações diversas. Assim, inicialmente realizei a observação participante acompanhando interlocutores que conhecia em eventos de ativismo político na capital e no interior do Rio Grande do Norte, empregando a técnica de bola de neve para o contato inicial (Bott, 2001). Tive acesso, assim, a um círculo de amigos que comungavam da identificação como homens trans e se dedicavam ao movimento social. Esses colaboradores compuseram um quadro diverso de acesso à educação formal, meios econômicos, habitus eróticos, identificação étnico-racial e de inserção política, embora a maioria seja proveniente de



classes populares, se autodeclare branca, tenham apenas completado o ensino médio e se relacione afetivo-sexualmente com mulheres.

Antes de iniciar cada entrevista, apresentava os objetivos da pesquisa e ao que as perguntas se propunham. As gravações duraram entre 14 minutos e 1 hora – as entrevistas menores apresentaram muitas vezes narrativas tão ricas quanto as maiores. As perguntas não foram feitas com respostas prontas à escolha, todas tiveram caráter aberto. E, ao invés de serem perguntas propriamente ditas, pedi ao entrevistado que falasse sobre um tema específico a cada momento e o deixava falar sem grandes interrupções. O roteiro empregado visava cobrir, em suma, temas de emprego, renda, relações familiares, movimento social, identidade, memórias, classe social, hormonização, acesso à saúde, nome social e violência.

Partindo das descrições do caderno de campo e munido das transcrições das entrevistas, passei a decupagem dos registros – de modo que foi possível marcar recorrências e diferenças entre diversas experiências por meio de narrativas. Com essa sistematização foi possível visualizar melhor o caráter de “história” a que os interlocutores estão compelidos a dar às suas falas, marcando desenvolvimentos cronológicos nas suas experiências. Como Pierre Bourdieu (1998, p. 183) assinalou, falar de “história de vida” é supor que a vida é uma história, e que por isso se trata de “um conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”. Desse modo, o autor aponta para o caráter ideológico do biógrafo, na sua criação de sentido (artificial) à própria história. Com isso, é preferível se utilizar aqui de “narrativa” por meio da qual o interlocutor constrói explicações para dar sentido (que não entendo por superficial) a sua história quando da ocasião desta pesquisa e da inquirição deste pesquisador – sem esquecer ainda o caráter dual desta relação, no sentido de que os interlocutores me inquirem constantemente sobre minha própria vida.

Assim, este artigo é uma reformulação de parte de um texto originalmente escrito para compor uma dissertação de mestrado defendida em 2015. Dez anos depois, reflito, também a partir de outras experiências de pesquisa no mesmo campo (Vieira, 2020), sobre os alcances e as reverberações da ideia de transição de gênero, de qual experiência isso implica e postula política e subjetivamente. Essa elaboração discursiva não se faz no vácuo, mas sim incorporada em práticas cotidianas de si e se relaciona com setores estatais e dinâmicas



sociais. Portanto, a maioria das ideias aqui manejadas foram gestadas entre 2014 e 2015, as quais passam agora por um reexame à luz dessa distância temporal que parece promissora e de novas incursões etnográficas.

Narrativas e memórias de uma experiência em construção

Uma criança já pré-adolescente desce a rua sem camisa. Pedalando em sua bicicleta sentia o vento por todo seu peito nu. Suas mãos ocasionalmente soltavam-se do guidão na tentativa de um equilíbrio heroico. Ante ao possível tombo, voltava a controlar a bicicleta com as próprias mãos. Sentia-se livre. Esta é uma lembrança de Mário com 8 anos de idade, quando brincava livremente com outras crianças pelas ruas próximas à sua casa. Era o que mais gostava de fazer, pedalar livremente pela rua sem camisa; sentir-se sem preocupação. Trazer esta lembrança à nossa conversa pontuava uma resistência. Mário, agora com 21 anos de idade, busca na memória sua infância, seu conforto antes de ser confrontado dramaticamente com um “ser mulher”, ao mesmo tempo que evidenciava uma reminiscência de seu homem que esteve sempre presente, embora não nomeado. Sua narrativa propicia alguma representação do que outros homens trans também vivenciaram.

Parece que visualizo, quando diz que sua mãe passara a impedi-lo de brincar à rua. “Já és uma menina grande”, dissera-lhe sua mãe. “Seus peitos estão crescendo, não poderá ficar sem usar blusa”, poderia ter-lhe continuado contra seus protestos. Sua feminilidade era anunciada pelo que liam de seu corpo como um natural incontestável, precisava ser afastado, resguardado. Mesmo diante do direcionamento que foi estabelecido para sua identidade, e para seu corpo, Mário não “se via” naquele corpo e naquela mulher nos quais o colocavam, e cujo lugar por algum tempo ele mesmo se viu obrigado a performativizar. “Algo estava errado”, me reiterava pensar à época. Seu desconforto tornava-se ininterrupto já ali. Me conta reiteradas vezes que a “mulher” só lhe pareceu uma possibilidade – mesmo que de modo “incômodo” – porque não conhecia nenhum outro modo de existir, mesmo não existindo de fato nestes termos. Ver seu corpo tomar formas indesejadas ao crescer, lhe anunciava desconfortos tamanhos que se viu em um final, através do qual sentimentos de “não viver” são descritos.

Não só Mário, mas os outros homens trans, de alguma maneira, narram um não “saber quem se é”, que é anterior ao “encontro” que acontece ao se “descobrir” homem trans em suas próprias explicações.



Não detinham “encaixe” em nenhum sentido disponível. Esse desencaixe é vivenciado através de um drama em que a pessoa e seu corpo não encontram reflexão em nada. Não se trata de sugerir que o gênero se encontre num início específico para os homens trans, mas provocar à reflexão a problematização de uma narrativa mnemônica através da qual apresentam “sempre terem sido o que são”, de terem vivido “num limite” por terem vivenciado um drama. Isto é, uma história de vida específica de conflito de gênero que é refletido no corpo (Bento, 2006). Um cotidiano por meio do qual lidaram para superar com as categorias de “mulher”, de “feminino”, de “lésbica” (não todos), ou seja, com a naturalização a níveis universais da diferença sexual (Strathern, 2006) que lhes foram apresentadas e impostas. Não se trata de manipular a identidade num cenário, num dramatizar uma cena goffmaniana.

Partindo de uma perspectiva do “interior”, Erving Goffman (1975) discute a identidade através de uma relação entre um Ego e um estigma que lhe é colocado como uma marca pela sociedade. Essa atuação do indivíduo parte da premissa que algo “interior” a ele lhe guia, isto é, como um estágio pré-cultural que se relaciona com a cultura que recebe pela socialização. O drama que descrevo é de outra ordem conceitual, atinge a própria condição desses sujeitos, de uma abjeção que lhes implica não existir, competente ao conflito com as normas de gênero que os expulsa da realidade (Butler, 2003, Bento, 2006) por serem corpos incompatíveis com gêneros de uma certa maneira. Isto porque a especificidade é muito pontual, uma vez que a transexualidade não é a única experiência de gênero que encontra conflitos com as normas, mas todas elas cada uma à sua maneira.

É importante perceber que a posologia clínica da transexualidade apresentada pela psicologia e medicina de perspectiva patologizante se dá no âmbito de uma correção que outorga uma espécie de “passagem”, do masculino para o feminino, ou do feminino para o masculino. Para estes saberes, esta “passagem” se dá cirurgicamente e/ou no tratamento do “eu” anterior psicossomatizado (Bento, 2006). Em termos endocrinológicos, a cirurgia tem por antecessor uma substituição administrativa dos níveis de hormônios. Já na campina do “eu”, entendendo o ser humano como dotado de uma mínima entidade anterior, o “eu” pré-social, os saberes psi (psicologia, psiquiatria e a psicanálise) detêm-se em lograr um tratamento à identificação deste “eu” que seria masculino ou feminino por instância essencial/natural (Money



e Tucker, 1981)². Isto é, temos aí uma “passagem” do gênero como o início à transformação do “sexo” (aqui entendido estritamente no viés anatômico) – nessa perspectiva, é como se a mente tivesse um “gênero” e o “sexo” todo um corpo (mente/corpo, natureza/cultura).

A “transição” a partir do olhar dos interlocutores, por outro lado, se dá nos termos de uma resistência ao saber médico-psi. Ainda assim, evocando Foucault (1988), vemos que a resistência ao biopoder não é feita fora dele, na verdade é um requisito ao próprio estabelecimento do poder – muito embora isso não estatize e impeça mudanças. Nestes termos, os interlocutores atuam para desnaturalizar a diferenciação sexual através de suas próprias vidas. A transição que ensejam se dá a níveis processuais de acesso à identidade através do exame da subjetividade. Nesse sentido, urge pensar a transexualidade não apenas fincada definidora e fixamente numa demanda por um manejo corporal. A identidade, como descrevem os interlocutores, está para além da mudança do corpo requerida ou objetivada.

Voltando à minha conversa com Mário, era final de tarde. Ele e eu tentávamos escolher um sapato social para que ele usasse na sua próxima apresentação na empresa. Entramos em uma loja num Shopping, tentamos escolher um calçado. Ele calçou dois exemplares, mas não encontramos nenhum modelo que ambos concordassem ser realmente bonito e que, por isso, valesse à pena comprar. Ele pedia minha opinião e eu sugeri que visitássemos outras lojas. Como já estávamos com fome, ele decidiu procurar o calçado outro dia, então subimos as escadas em direção à praça de alimentação do Shopping Center. Enquanto comíamos, conversávamos sobre nossos relacionamentos amorosos e sobre sua atual “promoção” no trabalho. Mário havia subido de cargo na empresa através de uma seleção que lhe tinha consumido por meses. Vestia à primeira vez, uma gravata – mesmo que, como me conta, a tenha comprado a um bom tempo.

Vestido socialmente, nosso encontro se fez após seu turno daquele dia. Conta empolgado que apesar de sempre ter usado roupas masculinas no trabalho atual, foi a primeira vez que o uso da gravata lhe foi tomado como uma possibilidade. Seu primeiro dia no novo cargo de supervisor numa empresa de serviços. Estava confiante de usá-la, estava sem medo dos olhares. Usar a gravata, ao que compreendi, demarcava

² Um debate ainda presente na atualidade a partir da ideia de organização psíquica do transexual (Coelho e Sampaio, 2014, p. 16).



discursivamente seu ser homem³, principalmente adulto. Era o ultimato dessa anúncio. Houve olhares acusatórios durante todo o turno na empresa, olhares estes que não se faziam presentes nos dias anteriores sem o uso por ele, da gravata. Contudo, seus colegas mais próximos exclamavam, “até que enfim você usou a gravata, Mário!” – O que descrevia com satisfação. Concluiu sua narrativa sobre o trabalho me falando que se sentia bem por estar finalmente de gravata. Antes do seu emprego atual, Mário havia trabalhado em duas empresas do mesmo setor – nestes, atendia pelo nome feminino, e não havia realizado a “transição” (ou a “transição corporal”). Em um dado momento, pergunto-lhe, em outras palavras, se já havia feito a “transição” nas empresas anteriores à atual. Ao que me diz:

Na verdade, era um processo [ainda] porque eu costumo falar que eu sempre estive em transição, desde que eu nasci. Mas, eu vim me identificar, saber o que eu era realmente esse ano, agora em janeiro, por causa da informação. Porque eu não tinha informação, eu não sabia que isso podia acontecer, nem como acontecia, e quando isso chegou em mim foi que eu conseguia me colocar num lugar assim, porque antes disso eu não tinha essa definição na verdade. Todo mundo me dizia que era um andrógino, essas coisas, porque eu parecia um menino, mas, naquela época, eu ainda me identificava no sexo feminino (Mário, em entrevista, mar. 2014).

Conheci Mário numa das reuniões realizadas por um coletivo de homens trans em Natal. Acompanhado de uma amiga, era ainda chamado por esta segundo um nome feminino, ao passo que se apresentava com um apelido masculino. Havia comparecido à reunião para ouvir sobre a transexualidade, assunto que conhecera havia pouco e que, àquele tempo, talvez pudesse lhe nomear. Em outros encontros para além da entrevista que descrevo aqui, Mário me falara que sentia “medo”; um sentimento de incerteza diante de quem era enquanto pessoa. Com a transexualidade lhe é possível passar à realidade, a nomear o inominável que outrora estava cerceado por ver apenas uma única possibilidade apresentada pela diferenciação naturalizada e materializada do “sexo”.

Judith Butler (2003) apresenta que o sexo tem um limite material. É preciso diferenciar “material” de “materializado”, o que implica dizer que o “sexo” como matéria não apresenta nenhum sentido, enquanto sua

³ Apesar de uma expressão como “ser homem” denotar toda a problemática de essencialização do sujeito, principalmente quando rememoramos o início do feminismo que outorgava uma identidade única e excludente à mulher, me refiro aqui a categoria de “homem” internamente diversa, enquanto uma reivindicação em ser considerado como parte dela.



materialização advinda de uma relação social é o que o constitui (Strathern, 2006). Foucault (1988) ao se opor a “hipótese repressiva” já problematiza o “sexo” como o resultado e não enquanto a causa de um dispositivo da sexualidade. O Estado e a sociedade “ocidental”, ao governar através da administração da vida não reprimiu o sexo, pois este não é anterior a dita “repressão”. Seria necessário haver sexo para este ser “reprimido”. Foucault (1988) mostrou que se produz o sexo na própria demanda sob sua “verdade”, e não se produz a partir dele – admitir o contrário seria supor que estaríamos sob alguma espécie de contrato social rousseauiano onde o “sexo” estava a ser dominado antes da ação do homem e da mulher.

Não só Mário, mas os demais homens trans interlocutores, vivenciam suas identidades de encontro a diferenciação do “sexo” como dual na determinação das categorias “mulher” e “homem”. Vitor e Gustavo vivenciaram situações limites no confronto das normas de gênero patologizante. Ambos, assim como Mário (e os demais), estiveram absortos em relações por terem sido tomados enquanto mulheres. Em certa medida, por terem sido colocados como vivenciando o desejo numa suposta posição lésbica e binária, por consequência de um “ser mulher”, (re)significam dimensões desse suposto pareamento corporal: genitália (corpo), gênero (enquanto ficção mental), e desejo (práticas sexuais). Como poder-se-á notar, os interlocutores procuram superar essas categorizações na construção de uma identidade de homem trans em direção à categoria “homem”.

Nas narrativas de suas trajetórias ao situarem vivências num anterior ao “encontrar-se” enquanto homem trans, revelam como protagonizaram situações de extrema violência, e indeterminação identitária – mesmo que tenham tentado se encaixar nas que lhes eram disponíveis. Nesse sentido, uma outra categoria acaba por ser desestabilizada, provocando uma reflexão ainda não empreendida, a categoria “homem” a partir das relações de gênero. Cumpre refletir agora sobre as resistências e os confrontos vivenciados pelos homens trans em suas narrativas de acesso a seus “processos identitários” (como colocam) no superar uma “mulher” e/ou “lésbica”.

A ideia de “limite lésbico”

Tive a oportunidade de acompanhar as trajetórias de grande parte dos interlocutores desde muito antes de seus manejos corporais. Fiz amigos que depois se identificaram como pessoas trans no decorrer da



pesquisa, bem como conheci outros que não supus se viviam a transexualidade. Durante o campo, meus próprios parâmetros da transexualidade foram sendo problematizados. E um choque inicial se deu com a narrativa e a convivência com Vitor, já citada acima e como pode ser visto no trecho de meu diário de campo que reproduzo a seguir. Apesar de não resumir todas as experiências (nenhuma poderia fazê-lo), é um exemplo profícuo da “transição” enquanto narrativa identitária na experiência da “transexualidade”.

Vi Vitor a primeira vez em uma roda de cantoria no alojamento de um evento de ativismo LGBT no interior do Rio Grande do Norte. Cantávamos e um dos meninos alternavam-se no violão. Vitor estava sentado junto de nós, e não o identifiquei como homem trans. Suas roupas femininas, o não uso do binder etc. destoava dos demais. Só vim tocar-me da sua não conformidade de gênero, e uma possível identidade de homem trans quando estávamos na segunda festa do evento e apresentávamos uns aos outros. Enquanto eu apresentava um de meus conhecidos ao grupo de meninos trans, perguntei a Vitor seu nome. Esperava um nome feminino. Quando ele me respondeu “Vitor”, fiquei um pouco surpreso. A partir daí surgiu meu interesse em entrevistá-lo e de saber se ele se identificava como homem trans. Nesse momento, posso dizer que me interessei por refletir sobre como há uma hegemonia da apresentação da transexualidade e da masculinidade (Caderno de Campo, dez. 2014).

O evento de ativismo LGBT no qual conheci Vitor e outros três interlocutores foi um locus privilegiado à convivência com pessoas trans de diversos Estados da federação. Na manhã do último dia do Congresso, Vitor e eu nos sentávamos para nossa conversa sobre sua experiência. Afastamo-nos dos demais e procuramos um lugar mais tranquilo para conversar. Vitor não realizara nenhum manejo endócrino à época de nossa conversa. Sua narrativa problematiza e relativiza esse manejo como definição da transexualidade, além de ser crítico sobre a figura masculina que se espera do homem trans. Pergunta implicitamente, quem é o homem trans “de verdade”, e por quê? Ele me diz:

Hoje eu me apresento como Vitor, não pela minha família. A minha família me olha como um sapatão, uma mulher sapatão. Mas há algum tempo, acho que um ano, eu venho no embate assim, de construção de identidade, de me reconhecer e ter esse, vamos dizer, questionamento de quem eu sou. Eu não sou o que as pessoas têm que ser, eu sou o que eu tenho que me sentir bem, o que eu me identifico e eu tenho que expressar isso para ficar bem [...]. Minha família não sabe que eu me reivindico como Vitor, e eu não posso falar “homem trans”. Sim, homem trans, mas ainda um homem trans



nesse processo de quem eu sou, de quebrar esses estereótipos do que é ser um homem trans pra gente. Não cair naquele discurso de determinar as coisas: que homem trans é isso, e mulher trans é isso, mulher e homem “cis” é outra. E, eu acho que essa é a questão que está me deixando muito mais confuso (Vitor, em entrevista, dez. 2014).

A crítica de Vitor se assenta na reprodução do que é esperado para homens e mulheres mesmo entre pessoas trans. Ele tem desejado realizar algumas mudanças na expressão do seu gênero e sobre outras ainda não resolveu, mas sobre as já objetivadas tem retardado por preocupação em ser afastado do convívio familiar e de amigos. Sua fala se localiza fortemente por uma observação da manutenção das normas. Ele continua:

Como eu costumo falar, né?! A gente reivindica por alguma coisa, mas a gente conserva outra. A gente corrompe, mas conserva. Por que eu falo isso? Por que eu digo isso? Porque a gente rompe com a perspectiva de que o homem tem que ser um homem cis e heterossexual, com todas essas características do que é ser um homem na sociedade; e a gente quebra também com o papel do que é ser uma mulher. A gente compreende que a mulher e o homem são uma construção social e tal, mas quando a gente quebra com esse determinismo, a gente também entra numa lógica de determinar o que são homens trans, o que são homens cis, e o que são mulheres trans. Essa é uma problemática que eu venho em confronto comigo porque eu me reivindico como homem trans, mas por exemplo, eu gosto de usar batom e gosto de usar vestido e tal e algumas pessoas podem falar. “Ah! Mas, você não é um homem trans” (Vitor, em entrevista, dez. 2014).

Vitor reclama da cobrança por caracteres masculinos em qualquer contexto. Sua crítica reflete também no que Flávia Teixeira (2009) nos mostra sobre os processos judiciais para autorização de cirurgias de transgenitalização. Estes processos estiveram permeados por uma leitura dos protocolos a partir de um parâmetro heterossexual, normativo. Já Bruno Barbosa (2010), em sua pesquisa sobre travestis e mulheres transexuais em São Paulo discute os limites entre essas duas categorias, problematizando como estas pessoas se definem e definem os outros como tais. Perpassadas fortemente por uma marca de classe, as travestis e transexuais descritas por Barbosa discutiam que mulher transexual “de verdade” seria aquela que objetivasse a cirurgia, e que não “se esforçasse” para ser mulher. Como Teixeira e Barbosa demostram, há uma cobrança por um ideal normativo nesses contextos.



Vitor entende ter/viver uma identidade e, de modo que compreende tê-la a partir de um processo de construção de “entender-se”, assim como descrevi acima sobre Mário. É importante salientar que a dimensão de “processo” descrita aqui não diz respeito a um “vir a ser”, a um “tornar-se” partindo de um “não ser”. Os homens trans se referem a processos em termos de “exame da subjetividade”, e não de uma espécie de muro de identidade construído por tijolos partindo de onde nada havia. De alguma maneira, resgatar lembranças de conflitos e eventos anteriores a tomarem “homem trans” enquanto definição de suas experiências, lhes confirmam suas inconformidades corpórea e identitária de antes. Estabelecem uma história que se outorga desenvolvida, uma biografia em fragmentos. Mesmo que apresentem uma ordem intrínseca as construções biográficas, suas próprias narrativas apresentam idas e vindas – não simplesmente do entendimento de suas identidades que descrevem, mas enquanto compreensão da própria experiência. Este exame ao qual me refiro não pode ser considerado de um ponto de vista que separa o sujeito das relações sociais nas quais está inserido, nem que o fixe em uma paridade extrema com o habitus num sistema simbólico (Bourdieu, 1998). Estas relações das quais comungam são localizadas de um dispositivo que solicita continuamente um corpo, uma história, uma identidade, uma experiência específica, mesmo que as multiplique.

Em seu trabalho, Bento (2006) observa que a problemática transexual está localizada primordialmente na relação que as subjetividades estabelecem com as partes do corpo (as quais se referem a seios, pênis e vagina). Entre os homens trans que colaboraram com esta pesquisa, o conflito descrito em termos de uma relação da subjetividade com o corpo só se torna claro em seus próprios termos após refletirem e construírem uma narrativa do que os levou ao conflito. Continuando a narrativa de Vitor, ele conta que foi a partir do convívio com uma ex-companheira que descreve como uma mulher lésbica hiper masculina, que ele começou a se ver nela – mesmo que não tivesse anteriormente à época, nenhuma indicação subjetiva de sua transgeneridade:

Eu tive o contato com essa minha parceira e tal. A gente passou dois anos [juntos]; e, comecei a viver como ela vivia assim, de vestir as roupas e tal. Foi a quebra de [vestir] só a calcinha, de só [usar] de roupa feminina. Aí, eu comecei a me ver, foi nesse momento que veio aflorar mais em mim, eu tinha assim uns flashes de contradições da minha infância de querer quebrar com isso, né?! “Quem eu estava



sendo?”, eu estava sendo o que as pessoas queriam que eu fosse, e aí, a partir do momento em que eu vivi com ela. Tipo, “eu não sou isso” [mulher/lésbica], sou algo bem além do que isso e irei me reprimir com isso, viver e foi assim, um processo de... Comecei a conhecer outros homens trans e aí que veio a avalanche assim: “meu Deus, quem sou eu?!” Porque eu me via naqueles homens trans, eu me via, sabe, naquele processo. Mas também eu reproduzia algumas coisas que são ditas como femininas, então pra mim isso que iria quebrar com a masculinidade, mas as pessoas não iriam me ver como homem trans por isso, porque as pessoas querem determinar as coisas, mas eu vi que não rola, que eu tenho que me sentir bem e tal (Vitor, em entrevista, dez. 2014).

Vitor e eu conversávamos por um bom tempo, dias antes. Sua experiência me tocara particularmente, pois narrava um conflito tão angustiante que parecia longe de qualquer resolução. Como me contara, passara tempos guardando só para si sua subjetividade que o ligava a apresentar-se como homem trans. O exame dessa subjetividade aqui descrito entre os homens trans gera uma retrospectiva localizada a partir da própria experiência. Como descrevi acima, Mário pontuava sua puberdade como um problema que anunciava seios indesejados, ao que lhe passaram a obrigar uma distinção com os outros meninos à rua: usar blusas para cobrir o peitoral. Entretanto, o foco narrativo e discursivo dos interlocutores tem estado sob uma certa identidade que reclamam para si após terem-na negada, mesmo que o conflito com o corpo ainda não estivesse tão enunciado.

Algumas vezes, o exame dessa subjetividade é posterior a um enfrentamento de um drama que se circunstancia através da violência diária no próprio seio familiar. Gustavo narra seu drama através de cenas que incluem privação do ir e vir, negação de seus desejos, de uma identidade pela qual se nomear. Gustavo mora hoje longe de seus pais atualmente. Tinha 18 anos de idade à época que lhe conheci. Sua trajetória construída biograficamente através da nossa entrevista encaminha-se para corporificar o que, como me conta ter vivido, um “limite” no campo do gênero e do desejo.

Conheci Gustavo em um show de bandas locais em um parque em Natal. Outro interlocutor, Francisco (22 anos), nos apresentou enquanto conversávamos sobre o que fazer ao sair da apresentação musical. Nesse primeiro encontro vi Gustavo com um cabelo mais longo, ao que cortaria bem rente à cabeça. Francisco me falara sobre ele ser também um homem trans. Posteriormente a nossa apresentação um ao outro, pedi a Francisco que intermediasse um contato maior com Gustavo, para que eu pudesse entrevistá-lo. Chegamos a nos encontrar outra vez no ao final



da entrevista que faria, dias depois, com Francisco. Combinamos de nos encontrarmos novamente, mas só conseguimos realizar a entrevista três semanas depois dali, após vários desencontros. Finalmente nos encontramos numa praça de alimentação de um *Shopping* no centro da cidade.

Gustavo marca seu conflito com as normas de gênero a partir de um “desde sempre”, assim como Mário o fez. Esse “desde sempre” ganha significado por perceberem que se entendem enquanto alguém possível quando em conflito com a mulher imposta. Com isso, Gustavo descreve uma situação particular que lhe ocorreu quando ainda era uma criança. Estava à época em torno de 7 ou 8 anos de idade, como me indica. Se encontrava em um vestiário feminino de um ginásio poliesportivo. Acabara de jogar uma partida de futebol de salão em um time de meninas contra meninas. A mãe de outra criança perguntara em alto e bom som, “quem deixou esse menino entrar aqui”. Sua mãe responde indignadamente que “não é um menino, é uma menina”. Após a confusão, que Gustavo me pontua com ares de tensão, este voltara para sua mãe e dissera-lhe: “mas mãe, eu queria ser um menino”. Magro, como me conta, era facilmente visto como um menino, e isso o agradava bastante; ao contrário de sua mãe que em resposta ao seu “queria ser um menino”, lhe diz:

"Você não pode, é contra as leis de Deus, se Deus te fez assim é porque ele quis assim, é errado você querer mudar o que Deus criou". E aquilo na minha cabeça ficou, e tipo: "A minha mãe que tá falando, a minha mãe que é adulta. Então, talvez ela - como eu posso falar - tenha uma certeza do que ela falando, que é verdade". Só que ao mesmo tempo dentro de mim, tipo, "não, não é assim, não é porque ela tá falando algo que tem que ser", entendeu? (Gustavo, em entrevista, mar. 2015).

Mesmo diante da resposta categórica de sua mãe, como consegue se lembrar, ele conta que:

E eu lembro que uns dias depois eu cheguei pra ela e falei: "eu queria ser igual ao Fernando". Fernando foi um menino que estudou comigo, porque ele era muito bonito, era homem cis, e eu o via assim, eu: "caraca, como eu queria ser como ele". Ter a facilidade que ele tinha de jogar futebol, [...] pras várias coisas, pra jogar biloca e não ser visto com outros olhos, porque quando você é menina (abre aspas), que você joga uma biloca que você tá jogando bola, todo mundo já te olha assim: "vixe, vai dar pra isso, vixe vai dar praquilo". Mas eu não sentia que era isso de mim, era meio que, eram os meus gostos, minhas vontades, era como eu me sentia. E eu me sentia



como um menino, e quando eu falei isso pra ela foi quando ela saiu cortando todo tipo de amizade que eu tinha com meninos, porque eu sempre andei muito com menino e ela achava que isso me influenciava no meu jeito de querer ser menino, de querer fazer parte do grupo de meninos (Gustavo, em entrevista, mar. 2015).

Este evento específico narrado por Gustavo marca uma série de represálias que sofre dos seus pais, como narra em seguida. Noutra ocasião, agora segundo me diz por volta dos 14 anos de idade, conta à sua mãe enquanto estavam à praia que “gostava de meninas”. Sua mãe, em choque, esconde esta informação de seu pai, que estava nesse momento ao mar. Pouco tempo depois dessa ocasião, seus pais se mudam de cidade e passam a impedi-lo de ir à escola. Conta-me que perdeu mais de um ano de aula. Impedido de ir e vir livremente, seus pais e seus irmãos lhes pressionavam para que “deixe de gostar de meninas” e para ser mais feminino. Após todo um período de tensão em casa, Gustavo narra que passa a tentar ser, em suas palavras, “mulher cis heterossexual”. Passa a voltar à Igreja, a se dedicar à banda de jovens da Igreja e a outras atividades religiosas, já que seus pais pastores lhe pressionam para isso.

O campo do masculino foi sua primeira evidência de desconformidade com as normas de gênero, após isso, quando tem evidenciado o desejo por meninas, a pressão que narra investe-se para fazer-lhe voltar à complementariedade heterossexual. Esta complementariedade interliga um corpo adicionado a uma expressão do feminino, a uma nomeação enquanto corpo de mulher, e a um desejo “certo” tomado de antemão como por meninos. Este clima de tensão familiar que me descreve compreende violência física, privação de “cuidados amorosos”, o que lhe pontuam um ambiente inóspito pelo anúncio de seu desejo e masculinidade. Sua figura masculina já na infância, era tida como produtora de “vergonha” para seus pais, que diziam: “ela sempre quer me passar vergonha”.

Gustavo, vivenciando dramaticamente uma abjeção que tocava seu corpo e seu desejo, também é um exemplo como Mário, Vitor e os outros interlocutores, que de uma maneira ou de outra vivenciaram seus desejos expulsos da “normalidade”. Essas abjeções mesmo tornando-os inconcebíveis como homem, lhes colocavam como lésbicas e como “mulheres”. A narrativa de Gustavo que descreve o controle no intercuro das relações familiares exigia sua adequação sob pena de violências. Sua entrada na categoria “homem” e a saída da categoria “mulher” configurara um absurdo. Esse controle exigia que seu



enunciado “queria ser um menino” se tornasse apenas “confusão” a ser corrigida, assim como suas práticas do desejo que deveriam decorrer do seu “sexo” da maneira prevista (Butler, 2003).

Nem se recorrêssemos a teoria sobre lesbianidades poderíamos considerar estes sujeitos como vivenciando tais identidades, mesmo que parte de tal discurso os impute inexistência. Os sujeitos descritos aqui não demandam estas categorias de lésbica e mulher, pelo contrário, recorriam a explicações que lhes fundamentassem saída destas no desafio do discurso da diferenciação sexual ou contra o discurso da força da socialização primária⁴. Tânia Navarro-Swain (2000) se pergunta o que é uma mulher lésbica e o que compete a um desejo entre “mulheres”. Sua pergunta, por mais que seja política e dessencializadora, parte da mulher como a correspondência obrigatória a partir do “sexo”. Sua citação de Butler, para quem o sexo é uma categoria produzida sem haver uma correspondência natural entre sexo/gênero/desejo, não atinge a problematização de uma categoria mulher para além da genitália.

Se a heterossexualidade é uma política, como afirmou Adrienne Rich (2012) e Wittig (1992), e como tal compulsória através de uma investida diária e ininterrupta para transformar os seres humanos em heterossexuais, cujas relações ao mesmo tempo afastam a homossexualidade (Rubin, 1993), tornam as categorias de homens e mulheres igualmente compulsórias. Seria essa compulsoriedade alargada a outros modos de apresentar-se em homem ou mulher? As experiências transexuais dos homens trans deixam mostra à carne destas categorias cujo sistema simbólico na relação heterossexual recria sua corporalidade (Strathern, 1996; Connell, 2012; Bento, 2006) continuamente, transformando os contrários em abjetos expulsos da realidade. A categoria “mulher” desvela-se, portanto, por meio das experiências dos interlocutores como Vitor, Gustavo e Mário, enquanto revestida de compulsoriedade e de ficção.

Boa parte dos homens trans aqui reunidos ligam discursivamente as imagens da “lésbica” e da “mulher” a um período de suas vivências como um malogro identitário. Ainda continuando a minha conversa com Gustavo, fazia calor e usando óculos de sol ainda percebo sua expressão embargada ao me contar que não conseguia viver enquanto era obrigado pelos pais a ser uma “mulher heterossexual”. Diz que “vegetava, não vivia”. Somente com a saída da casa de seus pais que relata um maior conforto, pois passou a dividir um apartamento com seus dois irmãos:

⁴ Para uma revisão do conceito de socialização, ver Tamara Grigorowitschs (2008).



“Eu morei com meus pais até o começo desse ano, depois que eu saí de casa... Foi praticamente quando eu me aceitei homem trans que eu senti a necessidade de sair de casa porque meus pais são evangélicos”. Quando continuo perguntando sobre o convívio com seus pais atualmente, ele conta que eles continuam vendo-o enquanto um “sapatão”. Seus irmãos, ao contrário, “entenderam o recado”. Ter o reconhecimento de entrada na categoria de “homem” pra Gustavo é uma fonte de conforto e confirma sua identidade reclamada.

Eu sempre cresci sendo visto como uma menina, certo?! Mas não me via como uma menina, eu sempre tive atitudes de menino pra tudo, pra tudo mesmo. Só que minha mãe e minha irmã, meio que tentavam tirar aquele jeito de mim, pra ver se eu mudava. Mas não deu muito certo, então assim... Eu sempre demonstrei ser um menino, só que meus pais são cegos pela religião, eles não querem ver, não aceitam, não entendem. Então, quando eu me identifiquei como homem trans, é... só um tempo depois que eu fui fazer a mudança, que eu fui mudando o corte de cabelo, que eu fui mudando minha aparência por necessidade. Porque você sente a necessidade. E quando eu mudei, a minha irmã e meu irmão não precisou nem que eu chegasse e falasse, foi meio que eles entenderam o recado (Gustavo, em entrevista, mar. 2015).

Não se trata, ainda, de que os homens trans desta pesquisa nunca tenham sido mulheres por uma ação da natureza, mas que essa experiência anterior passa a chave da experiência do presente e se modifica. Se posso me apropriar de Wittig (1992), tomar os homens trans de antemão como mulheres lésbicas, recria discursivamente a ideia do corpo como receptáculo de atributos, institui o “sexo” enquanto essência, e a sexualidade compulsoriamente como heterossexual que é a causa dos demais anteriores.

A “transição” e o enunciado “em ‘transição’ desde sempre” não são um evento psicológico, ela parte antes de uma experiência localizada socialmente, demandando por irem-se de encontro ao esperado para seus corpos e suas identidades. Bento (2006) argumenta que a transexualidade não seria uma pessoa, mas uma experiência identitária. Isto quer dizer principalmente que as pessoas que vivem esta experiência são muito mais do que esse drama. O conflito não está no sujeito enquanto uma instância psicossomática se deve antes ao tido de conflito circunscrito pelas normas de gênero que encarnam diferentes experiências, cada uma particularmente.

Retrospectivamente, ainda continuando com a narrativa de Gustavo, é possível observar quando me narra ter vivido em um “limite”.



A forma como ele coloca sua experiência sob minha inquirição exemplifica verbalmente o que outros homens trans interlocutores também vivenciaram. Dessa maneira, põe sua transexualidade e a entrada na categoria homem como um marco sob o qual estabeleceu uma identidade, e se tornou uma pessoa inteligível. À época da explosão do controle familiar que sofreu, por volta dos 13, 14 anos de idade, descreve que:

Como eu não tinha informação da transexualidade, mas eu já me sentia diferente porque era como se eu vivesse em cima de um limite, limite lésbico, só que eu queria passar, eu queria dar um passo, porque eu num era exatamente aquilo ali. Eu não me sentia 100% aquilo ali. Então, eu tinha que dar um passo, só que eu não sabia pra onde eu ia dar esse passo. Se eu desse um passo eu era o que? Tipo, eu me sinto assim, eu tenho um corpo de “mulher”, mas o que é que eu sou? Aí você começa o conflito, tipo, eu gosto de menina, e eu “sou uma menina”, mas eu me sinto um menino... Aí fica um monte de interrogação na sua cabeça e você fica confuso (Gustavo, em entrevista, mar. 2015).

É por meio do que compreendem como “transição” que se examinam subjetivamente constituindo processos de desidentificação à superação do “feminino”, da “mulher”, e, às vezes, da “lésbica”. Essas dimensões (lésbica, feminino, mulher) foram utilizadas em contextos que me descrevem como de “confusão” ou de “obrigatoriedade” diante das consequências possíveis ao “assumir” uma identidade de homem trans. Quero sugerir que o “limite” explicado por Gustavo, passível de ser visualizado nas outras narrativas, compreende a materialização de uma desidentificação e não a uma materialização de uma lesbianidade. Isso não quer dizer que “deixaram de ser” lésbicas ou mulheres, uma vez que defendem nunca as terem tido como inscrição. Mas de considerar que houve uma necessidade vista por eles de se desprenderem destas identidades forçadas, “confusas”, enquanto categorias definidoras de suas experiências e identidades que anteriormente performatizaram por controle direto (como Gustavo), ou como a única possibilidade de existirem (como Mário). Esta desidentificação enquanto proveniente de um forte exame da subjetividade atrela-se sobre o corpo, mas não se reduz a ele.

Henry Rubin (2003) emprega o termo desidentificação para se referir ao confronto político entre homens trans e mulheres lésbicas masculinas nos Estados Unidos, desde a década de 1980. Segundo o autor há um processo de desidentificação entre eles e elas no sentido de



se diferenciarem demarcando suas identidades. O autor se detém ao uso do termo apenas em dois parágrafos ao final de seu capítulo sobre as fronteiras de guerra entre mulheres lésbicas e homens transexuais estadunidenses. Ao falarmos no contexto desta pesquisa, a desidentificação a que me refiro concerne ao processo demandado pelos homens trans através de uma experiência de superação do feminino e do que lhe compete à classificação de um “ser mulher”.

Apesar de Rubin não aprofundar seu conceito de desidentificação é possível vê-lo diferenciando-se do termo empregado por Judith Butler (*apud* Dean, 2008). Do mesmo modo, quando eu falo em desidentificação me aproximo muito mais de Henry Rubin do que de Butler. Para a autora, este termo diz respeito a uma espécie de consciência do sujeito sobre sua definição subjetiva que compreende um confronto entre desconhecer-se e conhecer. Ao encarar um confronto e um repúdio da própria identidade, o sujeito estaria em uma dimensão dialética de estar sob um significado ao qual pertence e não pertence ao mesmo tempo.

Nas descrições de suas trajetórias desde a infância, os homens trans concebem-nas enquanto um processo de entendimento sobre si mesmo, de chegar ao se “descobrir homem trans” por meio de todas as situações que protagonizam. A desidentificação que aludo aqui diz respeito a experiência transexual, mas enquanto particularidade aos homens trans que se veem assim como pessoas no movimento de se afastarem da categoria “mulher” em direção a categoria “homem” e “trans”. Como continuarei a argumentar, esta desidentificação pode se concretizar através de uma relação de alteridade através da qual um exame da subjetividade se estabelece ao encontrar um outro, não diferente, mas igual antes de tudo. Formando assim uma comunidade de amigos com ajuda mútua. O que lhes possibilita encontrar de maneira comum uma categoria pela qual nomear suas vidas relegadas à abjeção e frequentemente à violência e à morte.

Considerações finais

A “transição de gênero” é entendida como uma rejeição a ideia de “virar” ou de “se transformar”. Entre os homens trans este termo é usado exatamente na mesma forma morfológica em sentidos diferentes. De acordo com o contexto ao qual se refira, pode se relacionar a construção de identidade enquanto homem e enquanto transexual (“transição”) e doutro, a respeito da transição do corpo, do manejo que



demandam na estética corporal (“transição corporal”) – que atua sob a identidade, mas não lhe é causa. Este momento, o transicionar (do corpo) que pode ser medicamente assistido ou não, pelo qual, após ou durante ter constituído sua identidade de homem por um processo de superação da “mulher” – que lhe foi imposta no direcionamento social –, parte-se para uma nomeação de sua experiência dramática particular com as normas de gênero por meio do ser trans e homem.

Essa experiência que constitui a transexualidade por uma maneira de confronto diante da norma de gênero, que cria corpos condizentes com gêneros, não impede aos homens trans a construção de uma “transição” particular na vivência de que me detenho aqui, uma vez que marcam um processo de conflito com identidades outrora vividas por “n” “motivos”. Isto é, essa experiência é (re)narrada pelos homens trans. Não se trata de dizer, profundamente, que estar-se ou que se estiveram em corpos de mulheres. Estão nos seus próprios corpos, tão biológicos quanto outros, e tão significados como os demais, mas que precisam ser contingenciados tecnologicamente (política e cirurgicamente) ao gênero/sexo masculino e de homem que lhes é de fato. Disso, surge a questão problemática da narrativa da “transição” de gênero longe do aspecto de transformar-se.

Não há referência em dicionários oficiais da língua portuguesa brasileira de um verbo “transicionar”, usado constantemente pelos homens trans. Informalmente, “transicionar” pode se referir a “chegar a cargo de liderança”. No entanto, os interlocutores se apropriaram do substantivo feminino “transição”, palavra que ajuda a descrever o processo de “saber se é trans” e a masculinização, e o transformaram em verbo. “Transicionar” é preferível a “transitar”, já que o primeiro implicaria semanticamente em um processo contínuo e o segundo em um processo de um estado a outro, fixo. Não se trata de uma passagem, uma transferência a outro corpo. Nem muito menos de um momento de transitoriedade para se chegar a algo a qual não pertenceu anteriormente. Morfológica e sintaticamente, o “transicionar” da experiência transexual masculina acaba por ter um significado contido geralmente no gerúndio. Seja como tempo verbal no infinitivo, ou como sintaxe como um gerúndio, o “transicionar” (processo da transição) nessa experiência emite uma continuidade que não se focaliza no início nem num possível fim. Trata-se de um processo que não dispõe de um fim programado apesar de poder chegar num ponto ideal, e, apesar de já ter estado num contexto de perceber-se no limiar.



Entre os homens trans interlocutores, antes do transicionar, dos atos de pôr em ação a transição – corporal, principalmente –, há um processo que vivifica um drama que leva à angústia e à sorte difícil de quantificar, de emoções traduzidas numa linguagem de “morte”, de “não viver”. Sair desse processo e chegar a um sentimento de “viver” está atrelado ao conseguir “sentir” sua identidade de maneira nomeável, realizável. Implica ainda ao encontro de pares que são outros, de uma relação de alteridade, que se constitui de maneira generificada que constrói uma “comunidade de emoções” (Weber, 2002; Bento, 2006a).

Seria, portanto, de questionar inferências que colocam as narrativas de transição como algo abandonado nas experiências trans, como as de Bourcier (Ávila, 2014). Quero propor que a “transição” de gênero narrada pelos homens trans não seja vista como um momento provisório de passagem para um outro, mais “real”. Este trabalho se preocupa com a experiência própria de “transicionar” (e a sua narrativa) para o corpo e/ou gênero oposto ao designado ao nascer, e enquanto tal apesar da “transição” remeter comumente a transitoriedade, a um estágio entre dois momentos. É uma experiência narrada pelos homens trans como uma dinâmica do acesso não apenas à categoria homem, mas também a ideia de transexualidade e transgeneridade. A transição se encontra em uma prerrogativa que implica se colocar no lugar que sempre lhe foi seu de fato, e não a uma transformação que se chega após ter sido outra pessoa. A pessoa anterior se torna rarefeita ao exame do presente.

Referências

ALMEIDA, G. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? *Estudos Feministas*, v. 20, n.2, 2012, pp. 513-523.

ARÁN, M.; Murta, D.; Lionço, T. Transexualidade e saúde pública no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4):1141-1149, 2009.

Arán, M. A saúde como prática de si: do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade. Em: Arilha, M.; Lapa, T. de S.; Pisaneschi, T. C. (orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde*. São Paulo: Oficina Editorial, 2010.



ARÁN, M. Novos direitos e visibilidades para os homens trans no Brasil. *CLAM*, 2012. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/Aran.pdf>>. Acesso em: jul. 2019.

BARBOSA, B. C. Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia Social), USP, FFLCH, São Paulo, 2010.

BENTO, B. *A (re)invenção do corpo: gênero e sexualidades na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006

BOTT, E. *Family and Social Network: Roles, Norms, and External Relationships in Ordinary Urban Families*. 2. ed. London: Routledge, 2001.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COACCI, T. *Conhecimento precário e conhecimento contra-público: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil*. Belo Horizonte, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

COELHO, M. T. A. D. e SAMPAIO, L. L. P. As transexualidade na atualidade: aspectos conceituais e de contexto. In: _____ (Orgs.). *Transexualidades: um olhar multidisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2014.

CONNELL, R. *Masculinidades*. Cidade del Mexico: UAM, 1998.

DEAN, J. “The lady doth protest too much”: theorizing disidentification in contemporary gender politics. *IDA Working Papers* (LSE), London, 2008.

DEVOR, A. H. Witnessing and Mirroring: a Fourteen Stage Model of Transsexual Identity Formation. *J. Gay Lesbian Psychother.* 2004; 8(1): 41-67.



FAUSTO-STERLING, A. *Sex/Gender: Biology in Social World*. Nova York: Routledge, 2012.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade, vol. 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Grall, 1988.

GOFFMAN, E. *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GRIGOROWITSCHS, T. O conceito “socialização” caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 102, p.33-54, jan./abr. 2008.

MEYEROWITZ, J. *How Sex Changed: A History of Transsexuality in the United States*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

MONEY, J. e TUCKER, P.. *Os papéis sexuais*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Oliveira, A. G. L. Somos quem podemos ser: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade. 2015. *Dissertação* (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

PEIXE, A.; MORELLI, F. 2018. “Homens do futuro”: o movimento de homens trans no Brasil sob o olhar de Xande Peixe”. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (orgs.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo, Alameda, pp. 405-420.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>.

RUBIN, H. *Self-Made Men: Identity Men and Embodiment among transmen*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2003.



SILVA, M.; ABREU, L.; SPOSATO, K. Trans-identidades e a epistemologia da diferença sexual: sinais e espaços de vulnerabilidade sociojurídica. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 9, n. 3, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/55372>.
STRATHERN, A. *Body Thoughts*. Ann Arbor, Michigan: University of Michigan Press, 1996.

STRATHERN, M. *O Gênero da Dádiva: problemas com mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: UNICAMP, 2006.

TEIXEIRA, F. do B. Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade. 2009. 243f. *Tese*. (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

VIEIRA, F. C. A segurança biológica na transição de gênero: uma etnografia das políticas da vida no campo social da saúde trans. 2020. 397f. *Tese* (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

VIEIRA, F. C. Viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans. 2015. 188f. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

WEBER, M. *Conceitos básicos de Sociologia*. São Paulo: Centauro, 2002.

WITTIG, M. *O pensamento hétero*. s/c: s/e, 1992. [1980]. Disponível em: <<https://goo.gl/jfazyQ>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

Gender Transition: Language, Contexts, and Experiences of a Generation in Brazil

Abstract:

This article aims to understand practices and discourses surrounding the notion of gender transition articulated by young trans men (people who



were assigned female at birth), considering the identity and body constructions that the practice of gender transitioning produces socially. The work is characterized as a reexamination 10 years later of empirical material constructed in the context of an ethnographic research developed between 2014 and 2015 in the capital and in the interior of Rio Grande do Norte, with the support of open interviews, following the social mobilization of activists throughout political and academic events, domestic activity and hormone therapy. By describing the linguistic, political and societal nuances of the emic idea of gender transition, the article reflects on the emergence of activism by trans men and transmasculine people in the potiguar region and the conditions that make it possible, paralleling personal trajectories of changes between categories of person and the dynamics between gender diversity and social processes.

Keywords: Gender transition. Body. Identity. Transgender men. Transexualities.

Francisco Cleiton VIEIRA

Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e na Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi. Doutor e mestre em Antropologia Social (UFRN). Pós-doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Tem interesse em antropologia da saúde e da doença e em antropologia do gênero e da sexualidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8852-6212>. E-mail: cleiton.vieira@ufrn.br

Recebido em: 31/03/2025

Aprovado em: 21/04/2025